

RESUMO EXPANDIDO**IDENTIDADE TROPEIRA – MEMÓRIAS E NOVOS USOS PELA COMUNIDADE DO MORRO SÃO SEBASTIÃO/OURO PRETO.**

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

O trabalho sob a temática da ecomuseologia buscou compreender na atualidade, os sentidos, usos, práticas adotadas pela comunidade do Morro São Sebastião, núcleo mais ativo do conjunto de cinco bairros que formam o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, no que tange o resgate da memória tropeira como elo de unicidade identitária e empoderamento comunitário, dentro do corpo cidadão de Ouro Preto, patrimônio mundial do qual faz parte, todavia, de forma marginalizada.

O presente estudo empreendeu estudar os meandros, perceber a trama, a organização dos membros do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto, em suas ações de resgate da memória tropeira, e de sua extroversão para a comunidade e entorno, na medida em que, houve no transcorrer dos anos, o amadurecimento do conceito da ecomuseologia, dentro do processo de construção do resgate da memória, dos laços de identidade e pertencimento, que acontecem dentro da comunidade, e partem de um desejo local, sem imposições externas, seja nas ideias, nos desejos e na execução.

Dentro desse contexto, o projeto de pesquisa iniciado e concluído com o trabalho monográfico de final do curso de Museologia da Universidade Federal de Ouro Preto, buscou diagnosticar através da confrontação teórica e a práxis os delineamentos ideológicos, as experiências desenvolvidas pelas atividades do Ecomuseu aqui estudado, o seu desenvolvimento de produtos culturais, como o Encontro de Tropeiros, não somente como ponto focal do resgate da memória tropeira, mas fruto de um trabalho conjunto que é dinamizado na comunidade, na cidade e na região.

O desenvolvimento deste trabalho debruçou seus estudos sobre temas correlatos aos Tropeirismo no Brasil Setecentista, a atividade mercantil tropeira em Minas Gerais e em Ouro Preto, a partir da segunda metade do século XX, e o sentido contemporâneo adotado pela comunidade acerca da atividade tropeirista. Assim como, contextualizar as premissas da Teoria da Ecomuseologia, e da Museologia Comunitária, tendo como princípio norteador o Ecomuseu da Serra de Ouro Preto e o desenvolvimento de suas atividades que corroboram para o desenvolvimento sustentável do Ecomuseu, um dos pilares da ecomuseologia, sustentado por Varine¹.

Metodologicamente, a pesquisa se embasou na leitura de rica bibliografia, acerca dos conceitos estudados, tais como a Ecomuseologia e Museus Comunitários, Tropeirismo, Identidade, Pertencimento, Cultura Imaterial, etc. Debruçou-se também em pesquisas em fontes primárias disponíveis no Arquivo Público Mineiro, Arquivo Municipal de Ouro Preto, Arquivo do Ciclo do Ouro – Casa dos Contos sobre a atividade tropeirista em Minas Gerais e em Ouro Preto; na pesquisa participativa junto à comunidade envolta pelo Ecomuseu, e na relação de alteridade estabelecida junto à comunidade.

¹ VARINE, Hugues de. O museu comunitário como processo continuado. IN: Cadernos do CEOM/ Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina. CHAGAS, Mario de Souza (editor convidado). Chapecó, 2014, nº 41, p. 29.

Na busca em compreender as bases de sustentação da [re] descoberta da identidade tropeira, foi norteador notar o papel fundamental da líder comunitária local como elo de manutenção ativa para o desenvolvimento dos trabalhos junto à comunidade. E perceber o Encontro de Tropeiros da Serra de Ouro Preto, como produto cultural do resgate da memória tropeira, e fio norteador para o desenvolvimento sustentável da comunidade, dentro da perspectiva da ecomuseologia.

A pesquisa alicerçada em base acadêmica, mas, sobretudo nas experiências e vivências extrovertidas pelos membros do Ecomuseu da Serra de Ouro Preto – Núcleo do Morro São Sebastião, apreendeu que a comunidade, possui em sua essência a compreensão dos conceitos de ecomuseologia e museologia comunitária em suas atividades cotidianas, mesmo que não as percebam sob a óptica acadêmica, todavia, possuem os conhecimentos necessários para o desenvolvimento dos trabalhos que os engendram no empenho para a revitalização da memória tropeira como elo identitário.

Notadamente, percebemos como o trabalho desenvolvido nesse núcleo ativo do Ecomuseu da Serra é ancorado em bases sólidas de um fecundo resgate da memória local. Podem não possuir, o arcabouço teórico proveniente da academia, na medida em que, muitos possuem somente o ensino fundamental, o que de forma alguma, denota a falta de conhecimento no assunto, nem reduz seu grau de significância, pois, reconhecem a importância da história vivida, da experiência de vida, da história pessoal e familiar e principalmente o reconhecimento do seu patrimônio maior, ou seja, as pessoas.

Conclui-se com a pesquisa que para a comunidade, a construção do conhecimento, nesse processo não é unilateral, uníssona, mas transversal, multivocal, globalizante, todos somam, todos tem muito a contribuir na costura conjunta de uma grande colcha de retalhos, da qual todos são ao mesmo tempo únicos e plurais (soma do conhecimento). São participantes ativos de um processo que não se estabelece de momento, mas a curto, médio e longo prazo, produzindo e construindo um bem em conjunto, que não possui um modo de fazer, na medida em que, todos participam e decidem em conjunto o melhor modo de fazer. Inaugurando assim um patrimônio não de pedra e cal, mas de valores, de humanismo, de sentimentos, de amor, e principalmente de afeto e respeito.

Creio que a presente pesquisa e seus resultados encontram-se em consonância com os preceitos estabelecidos nas “Recomendações Unesco 2015 para a Proteção e Promoção do Patrimônio Museológico e Coleções”, principalmente no que toca as diretrizes para o fortalecimento e desenvolvimento dos laços sociais, desenvolvimento local comunitário, ampliação participativa na construção do conhecimento, na qual os sujeitos sociais ao empoderarem-se e perceberem-se participantes, atuam em harmonia com o seu patrimônio e sua identidade social, ampliando de modo plural as dicotomias entre o patrimônio material e imaterial, entre o único e o plural. Assim como, o patrimônio ao ser vivenciado cria elos de pertencimento e conseqüentemente de salvaguarda do patrimônio no presente e transmitem as futuras gerações os caminhos para definirem o seu patrimônio.